

ajano Margarida



A fome e a sede no Ceará

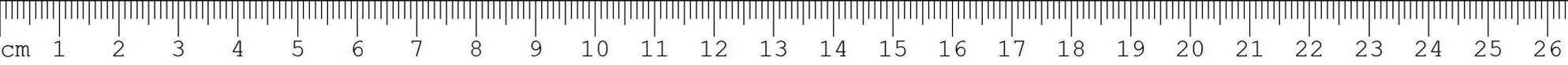


POESIA

Collecção Central
1919

0 (816.4)-1
27 f

Florianopolis
graphia da Livraria Central
1919



Trajano Margarida *offerece*

Com. Sr. Dr. José Brito, como
presente de amizade, com clareza
e respeito.

Fevereiro 8-9-1919

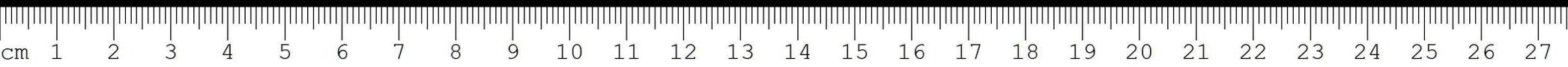
Trajano

A fome e a sede
no Ceará

Sta. Catarina

Poesia

Typo





Oh! Deus! Oh! Senhor Deus!
Oh! Deus dos immortaes!

A ti não chegam nunca os lamentosos ais
Do soffrimento atróz dos pobres filhos teus?

Do céu não ouves não?
Responde-me, Oh! Deus!

Rasga um pouco esse manto azul lá do infinito,
E escuta da miséria o commovente grito,

Que, ha longos annos, vaga e sempre desditoso,
Sem nunca se perder buscando-te ancioso,

Como a féra a sangrar, que vae cheia de dor,
Buscar enfurecida o rude caçador.

Por ventura, um gemido, um ai desesperado,
De quem vive a soffer, sentindo-se isolado

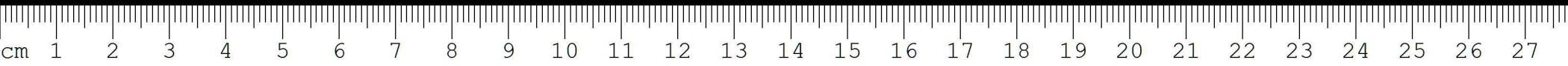
Sem ter quem o ampare e estenda-lhe a mão;
Sem ter quem dê-lhe agua e dê-lhe a esmola, um pão,

[Faint handwritten text, possibly bleed-through from the reverse side]

CERC
869.0(816.4)-L.
M3274

U. F. S. C.
BIBLIOTECA CENTRAL
ANULADA
Reg. nº 442
2/22/49

U.F.S.C.
Nº 43182-1
Data 10/11/78



Por ventura, Senhor, não ouves do infinito,
Da misera orphandade o agonizante grito,

Capaz de enlouquecer, que tortura e exaspéra,
Desde o negro rochedo ao coração da féra !

Como deixas então, sem dar-lhes um abrigo,
Tu que tens o poder, que tens o amor contigo ?

Como deixas morrer de fome uma creança,
Auréola de luz, n'um céu todo esperança ?

Tu que o bem semeaste, o bem que gera o amor;
Como a terra fértil que faz brotar a flôr;

Que fazes temporal da brisa sussurrante,
Terrível furacão num rapido instante;

Tu que sabes fazer do nada vir a vida,
Tempestade, bonança e a creança a mais querida;

Que tens força, senhor, p'ra tudo governar
Desde o céu azulado á immensidão do mar;

Que fazes vir do lôdo a flôr toda belleza,
O mais raro esplendor da vasta natureza;

Porque deixas então morrerem filhos teus,
Sem dar-lhes um abrigo, um só abrigo, Oh ! Deus ?

Oh ! Deus ! Oh ! Senhor Deus !
Oh ! Deus dos immortaes !

A ti não chegam nunca os tormentosos ais,
Do soffrimento atróz dos pobres filhos teus ?

Do céu não ouves, não ?
Responde-me Oh ! Deus !

Tu que tens o poder de dominar o mundo,
Desde o azul infinito ao antro mais profundo;

Tu que acalmas o mar, convulsionado, enorme,
No seu negro estertor, no seu bramir disforme;

Tu que fazes, Oh ! Deus ! rugir a tempestade,
Levando o seu terror do Sertão á Cidade;

Tu que és puro e perfeito, o ser santificado,
O maior e mais forte, Deus idolatrado

Por tudo o que ha nascido á luz ideal da vida,
Desde a pomba ao chacal, da donzella á perdida;

Tu, Senhor, que possues do bem a luz mais nobre,
Que tens por lemma o amor, que alenta e ampara o pobre;

Que és a luz, que és o pão, que és amor, que és verdade,
Não ouves o chorar da misera orphandade ?

Tu que acalmas o vento e fazes a bonança,
Que transformas a féra, em terna pomba, mansa;

Como deixas assim soffrerem filhos teus,
Sem dar-lhes um abrigo, um só abrigo, Oh ! Deus !

A ti não chegam nunca os torturantes ais,
Do soffrimento atróz dos pobres filhos teus ?

Do céu não ouves não ?
Responde-me, Oh ! Deus !

Interminavel dôr. Martyrio incomparavel,
Sobre um povo caliu. Destino inexoravel;

Angustia sem igual domina com terror,
Desde o rude carvalho á perfumosa flôr.

Ha lamentos de dôr, magoados e sem fim,
Longos como o remorso eterno de Caim.

Em tudo ha um lamentar profundo, uma agonia,
Tão triste como a dôr pungente de Maria.

E de instante a instante um soluçar magoado,
Fraco como um gemido ao vento desolado,

Parece nos dizer: — “Alerta ó povo irmão!
“Ha quem junto de ti sem ter abrigo e pão;

“Sem carinho e sem lar, sem leito e sem alento,
“Morre a sêde na estrada. em longo soffrimento.

“Ha filhos sem ter pai, sem mãe, sem um carinho,
“Que os ampare e conforte em meio o atróz caminho

“Que os leva para morte; ha quem viva a chorar,
“Sem ter quem os console e alento vá lhe dar.

“Ha quem chame por ti, quem peça com rasão,
“Um abrigo por Deus, chamando-te de irmão.

Não ha quem os ampare e nem quem os conforte,
Quem carinhos lhes dê, roubando-os á morte.

Não ha quem tenha ouvido os ais tão lancinantes,
Que os mares percorrendo em rapidos instantes

Chegam junto de nós, dizendo-nos: “Irmão,
Não temos luz, nem lar, nem temos pai, nem pão.

“Ha quem morra de fome, ha quem morra a clamar,
“Sem Mãe, sem Pae, sem Luz, sem Pão, sem Deus, sem Lar.



Eu era ainda creança e então fallar ouvia,
De um povo que, de fome e sêde, além morria.

Sem ter nem um socorro em tão cruel penar,
Muito embóra pedisse, em pranto, a soluçar;

Uma esmola por Deus, por tudo, por Jesuz,
Que, por nós padeceu nos braços duma cruz.

E esse brado, Senhor! depois de atroar na terra,
Depois de transportar montanhas, campos, serra,

Ao céu se dirigio, mansão do azul, do bem,
Onde impéra a verdade e a luz reinado tem.

E no entanto, inda hoje, eu sinto o mesmo grito,
Que, debalde, resóa ás portas do infinito,

Em procura de um Deus, Debalde elle percorre
Durante a vida inteira, até que expira, morre,

Como um écho que parte a resôar sósinho,
E perde-se depois na curva do caminho.

E Jesuz ao morrer, Jesuz, todo bondade,
Deixou-nos como guia a santa caridade.

O que não impede ver-se alguém morrer de fome,
Cançado de citar do bom Jesuz, o nome.



Oh! Deus! Oh! Senhor Deus!
Oh! Deus dos immortaes!

A ti não chegam nunca os tormentosos ais,
Do soffrimento atróz dos pobres filhos teus?

Do céo não ouves, não?
Responde-me, Oh! Deus!

Interminavel dôr. Martyrio incomparavel,
Sobre um povo cahiu. Destino inexoravel;

Angustia sem igual domina com terror,
Desde o rude carvalho á perfumosa flôr.

Ha lamentos de dor magoados e sem fim,
Longos como o remorso eterno de Caim.



Alastra-se a fome. Em douda romaria,
Num aneio febril, durante noite e dia,

A multidão faminta expavorida, vaga.

Mulheres a chorar. Famintas creancinhas
Ao regaço das mães, Implumes avesinhas,

Que o forte temporal jogou fóra dos ninhos,
Pra morrerem de fome, expostas nos caminhos.

Faz pena ver o quadro angustio da miséria,
Espectros de gente em procissão funéria.

Todos levam na face a dor que sentem nalma,
Tão longa e tão cruel que só com a morte, acalma.

Chorosos vêm surgir nos ultimos olhares,
A rude decadencia austera dos seus lares.

E assim errando vae a negra procissão,
Buscando anciosa abrigo e procurando o pão.

Até da Capellinha o sino immudeceu,
E nunca mais se ouviu... e nunca mais... morreu,

Como o róseo porvir que perdeu a esperança;
Como em sonho o phantasma acordando a creança.

A planicie é deserta e não tem vida as flores,
Dorme tudo envolvido em tragicos horrores.

A noite causa medo, é tectrica consorte,
Mensajeira da dor, que traz consigo a morte.

E todos num lamento em prantos vão vagando,
De tudo maldizendo e a tudo abandonando.

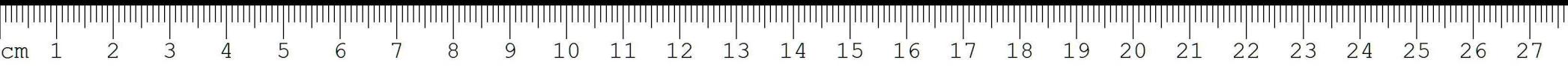
E assim deserta fica aquella terra ingrata,
Onde móra a tristeza e o Sól castiga e mata.

Commove e faz chorar. Ninguem delles tem dô.
Na estrada a confundir-se em turbilhão de pó.

Oh! Deus! Oh! Senhor Deus!
Oh! Deus dos immortaes!

A ti não chegam nunca os tormentosos ais,
Do soffrimento atróz dos pobres filhos teus?

Do céo não ouves, não?
Responde-me, Oh! Deus!



Interminavel dor. Martyrio incomparavel,
Sobre um povo cahiu . . .

E tu, Senhor !
E tu, Oh ! Deus !

Como deixas assim sem dar-lhes um abrigo,
Si deste-lhes, no emtanto, o horror do teu castigo ?

Como deixas, Senhor, sem pão sem lar, sem agua,
Depois de tanta dor, de tão penosa magua ?

Como deixas, Senhor ?
Dh ! Rei dos Reis, Oh ! Deus !

Teu filho soffreu muito, eu sei, Senhor, soffreu,
Mas sempre teve o amparo, o doce amparo teu.

Pregado no madeiro ousado da tortura,
Era o mesmo Jesus, sempre amor e doçura.

Si elle os braços ligou na cruz do seu martyrio,
Foi pra vir até nós, tão pura como um lyrio,

A caridade santa, a caridade nobre,
Que alenta, santifica e abriga o infeliz pobre.

Teu filho soffreu muito, eu sei, Senhor, soffreu,
Mas sempre teve o amparo, o doce amparo teu.

Mas, esses ó Senhor ! mas esses infelizes,
Que nem possuem sequer, dum arvore as raizes

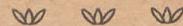
Para a fome matar, são mais que desgraçados,
Pois nem merecem ser por ti, Senhor, perdoados.

Teu filho sempre teve até finda agonia,
O consolo de mãe, da virgem mãe Maria.

Nunca fome sentiu, pois dava ao povo irmão,
Em vez d'agua o bom vinho, e repartia o pão.

Mas esses que de fome expiram nos caminhos,
Sem um alento ter, sem terem dos carinhos,

Que ao desgraçado alenta e suavisa a dor,
São infelizes, são, bem podes ver, Senhor.



Em douda romaria a triste multidão,
Corre em busca de abrigo a mendigar o pão.

Tudo é triste e sentido, em tudo ha desalento,
Pois tambem é magoado o assobiar do vento.

Outrora a onde era extensa e verde a ramaria,
Hoje é longo deserto em languidez sombria.

Nunca mais teve flôr nem folhas o arvoredado,
Nem se ouviu da avesinha o cantico sem medo.

Nunca mais uma flôr surgio naquella terra.
O campo é sem viçor e sem poesia a serra.

Até do Sól a luz, tão santa, abençoada,
Tornou-se rude, má, por todos praguejada.

A seára é deserta, improductiva, arida,
E nunca mais floriu; é secca, não tem vida.

A onde em fonte pura a agua docemente,
Deslizava a cantar, qual gigante serpente

Correndo tortuosa, em todo o mattagal,
Divina se estendendo, altiva em seu caudal,

Dando vida e conforto as perfumosas flores;
Tornando-as mais sãs, mais cheias de esplendores;

E' hoje terra núa, é terra secca, ardente,
Como os raios do Sól — caustico inclemente.

Nunca mais se ouviu em meio dos caminhos,
O cantico feliz das aves nos seus ninhos.

Do tropeiro o cantar, saudoso, enamorado,
Transformou-se em gemido, em soluçar magoado.

Em douda revoada os passaros voaram
Em procura de abrigo, e nunca mais voltaram

Áquella terra estéril, áquella terra ingrata,
Onde o sólo é sem fructo e o Sól castiga e mata.

E assim de horror a horror, chorosos, tristes, vão,
Fugindo á negra morte e procurando o pão.

Oh! Deus! Oh! Senhor Deus!
Oh! Deus dos immortaes!

A ti não chegam nunca os lamentosos ais,
Do soffrimento atróz dos pobres filhos teus?

Do céu não ouves, não?
Responde-me, Dh! Deus!

Infeliz ancião, que a dôr audaz, vergára,
E o forte e erecto corpo em fragil lhe tornara;

Um velhinho Senhor, na dôr encanecido,
Que inda hoje maldiz do dia em que, nascido,

Á luz do mundo viu. Fugitivo tambem,
Daquella região que só desgraças tem,

Um misero infeliz que tem da vida horror,
Que inda hoje mendiga, em nome teu, Senhor;

Curvado em seu bordão, contara-me a chorar,
O dia em que partira abandonando o lar.

E sem siquer pensar na longa e tortuosa
Estrada que o esperava, infinda, dolorosa,

Abandonando tudo, e revestido em fé,
Juntou-se á multidão, marchando sempre a pé,

Na esperança de achar conforto e um seio amigo,
Que bondoso o dissesse: "Aqui terás abrigo!"

Qual naufrago que busca em meio o oceano irado
Ao menos uma palha, um corpo ao qual ligado,

A salvação encontre ou vá de encontro á morte,
Qual náu, sem leme e rumo e sem ter Sul, nem Norte,

Assim o desgraçado, o infeliz velhinho,
Abraçado á esposa e a mão dando ao netinho,

Partiu, depressa, ancioso, em busca de um conforto,
Que reviver pudesse o corpo seu já morto,

E vagou... é vagou... num Sól cruel, eterno,
Como as penas sem fim, de um tormentoso inferno.

Além de tudo, a sêde, a fome e a torturante,
Agonia que mata, aos poucos, num instante.

Não parava um momento, andava estrada a fóra,
Desde a noite que cae, desde o ruivo da aurora.

E em vão, a ti, Senhor, em vão, elle implorava,
Allivio á sua dôr, a dôr que o torturava.

Mas, tu moras tão longe, occulto em tal distancia,
Que nunca poderás sentir, nem mesmo a infancia,

Chamando-te a chorar; jamais ouvirás seu grito,
Tu que moras no azul longinquo do infinito,

Na patria ideal do bem. Jámais, Senhor, jámais,
Da miséria da terra escutarás seus ais.

Em vão, Oh! senhor Deus! chorando elle implorava,
Allivio á sua dôr, á dor que o lacerava.

De cansaço e de fome, em meio do caminho,
O velho viu morrer seu candido netinho.

Afiado punhal rasgando-lhe o seio,
Não temeria nunca, e altivo, sem receio,

A dôr supportaria, a enfrontal-a, forte,
Sorrindo com desdem, como a zombar da morte.

Mas, perder seu netinho, a candida creança,
Aquella aorora em luz, promessas de esperança;

Era muito; e chorou; chorou sua alma, tudo,
Na sua dôr sem fim, no seu martyrio mudo.

E abraçado ao corpito, endurecido, morto
Como quem quer dar vida, o céu olhando absorto;

Como quem julga ouvir dos anjos, o cantar,
Que tem todo o poder dos mortos accordar,

Clamou: "Oh! Senhor Deus! Oh! Deus dos immortaes!
"A ti não chegam nunca os tormentosos ais,

"Do soffrimento atróz dos pobres filhos teus?
"Do céu não ouves, não? Responde-me, Oh! Deus!"

Mas, debalde pediu a desfazer-se em pranto,
Que lhe desses abrigo em teu divino manto.

Debalde, Oh! Deus, Senhor! Na aridez do deserto,
Nem siquer pode ouvir da sua voz o écho.

Pro netinho salvar, debalde buscaria,
Uma gotta de orvalho em toda a mattaria,

Espectros de matta, uns troncos resiquidos,
Tristes, como a saudade em funebres gemidos.

Aconchegando a esposa, andou vagando, errante,
Sem mais destino ter, mas, vendo a todo instante,

Morrer de fome alguém por todos os caminhos,
Aonde nunca mais pousaram passarinhos,

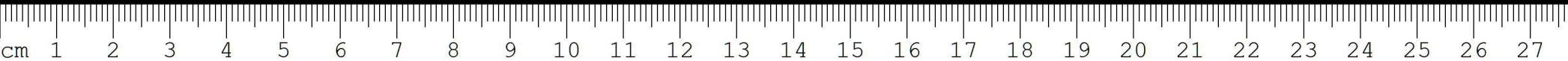
A cantar sobre a rama alegre comô outróra,
Saudando o Sól que nasce, e bemdizendo a aorora.



Alastra-se a fome. Em douda romaria,
Num anceio fébril, durante noite e dia,

Faminta, vaga, errante, enorme multidão,
Buscando anciosa abrigo e mendigando o pão.

De quando em quando um grito, um lamentar profundo,
Capaz de abrir a terra e commover o mundo,



ESTR

Parte alado pro céu, julgando ser ouvido
Por ti, ó Senhor Deus que vives escondido,

Na santa vastidão do gigantesco azul.

Oh! Deus! Oh! Senhor Deus!

Não ha quem tenha ouvido os ais tão lancinantes,
Que aos mares percorrendo em rapidos instantes

Chegam junto de nós, dizendo-nos: "Irmão,
"Não temos luz, nem lar, nem temos pai nem pão.

"Ha quem morra de fome, em pranto a supplicar,
"Sem Mãe, sem Pae, sem Luz, sem Pão, sem Deus, sem Lar. "



Ha muito, ó Senhor Deus! que em pranto a soluçar,
Ao céu mandam seu grito, afim de te accordar,

Na esperança feliz de dar-lhes um abrigo
Tu que tens o poder, que tens o amor comtigo.

E esse brado depois de resôar na terra,
Depois de transportar montanhas, campos, serra,

Sem nunca ouvido ser. Depois de se elevar,
Aqui, ali, além, constante a resôar,

Como um écho que parte a vaguear sósinho,
Perde-se, Oh! Deus, Senhor, na curva do caminho,

Sem nunca ter chegado a ti, Senhor, Oh! Deus!
Um gemido siquer, dos pobres filhos teus.

FIM



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
BIBLIOTECA

Imprensa Universitária

UFSC Mod. 273

ESTE

Parte alado pro cé
Por ti, ó Senhor D

Na santa vastidão

Oh! Deus! Oh!

Não ha quem ter
Que aos mares p

Chegam junto d
"Não temos luz,

"Ha quem morr
"Sem Mãe, sem

Ha muito, ó S
Ao céu manda

Na esperança fel
Tu que tens o p

E esse brado de
Depois de trans

Sem nunca ou
Aqui, ali, al

Como um c
Perde-se, C

Sem nunca
Um gemid

